

Carla M. Soares

*Alma
Rebelde*

Este mar é imenso. Oh, céus, como é imenso!

Imenso e imutável como um deus pagão, Apolo jovem e vibrante e belo. Diferente do mar da minha infância, deus inconstante que recebe o rio meigo da minha cidade branca. Este mar tem a cor do céu nos dias claros e estende-me os braços num convite. Agora que sou livre, ele chama-me. E eu respondo, não posso evitar que o meu peito vibre e cante finalmente. Vejo as crianças pequenas que dançam nas suas ondas calmas e reconheço a natureza benevolente destas águas. São as minhas agora. Os pequenos estão felizes na sua nudez negra e eu com eles.

Os hábitos do passado estão-me enraizados no coração e levarei algum tempo para os arrancar, mas estou finalmente longe de todos os meus locais de medo, no princípio de uma estrada misteriosa, mas sedutora. Sei que a seguirei até ao fim. Sei que nenhum monstro me engolirá aqui, como nenhum se ergueu verdadeiramente do meu Tejo para me devorar. O que quase me perdeu não era monstruoso. Era pequeno e insidioso. Escondia-se nas esquinas da minha casa, nas linhas rígidas do meu mundo sem escolhas. Quase fui devorada pelo espaço frio entre a minha alma e as grilhetas do costume. Uma prisão fora do meu corpo e dentro do meu peito.

Deus esteve comigo. Ou tive sorte.



A janela, mais alta do que um homem, abria-se para a escuridão. As cortinas pesadas não denunciavam a agitação, mas o vento incessante sacudia as ramadas das árvores contra as vidraças. Eram um muro contra a tempestade e o sopro ameaçador do vento, mas não podiam reter os sons, nem o calor. Há dias que não havia silêncio. O rugir implacável do vento na planície e o fustigar regular dos ramos contra os vidros, contra as telhas, contra as paredes, por dentro delas, magoavam os ouvidos. O vento uivava constantemente, soprando cinzas frias de dentro das chaminés, pelas lareiras abertas, para dentro das salas. Penetrava em todas as frestas da velha casa. Por vezes, levantava as toalhas e os tapetes, virava papéis e derrubava molduras. Era como se fantasmas gritassem, de dentro das paredes, o seu desagrado ululante.

Joana tapou os ouvidos com força, mas nada podia calar esse grito. Talvez lhe viesse de dentro. Espalmou a mão no peito.

Sim. De dentro.

A portada tremeu novamente. Não cederia, mas era assustador. Todos partilhavam o temor. As criadas velhas benziam-se silenciosamente sempre que passavam pelas bocas escuras das lareiras ou circulavam sozinhas nos corredores. Apressavam-se na parte mais antiga da casa, onde uma parte do telhado voara e a parede ruíra parcialmente. A família esperava que o vento amainhasse, para se poderem avaliar os estragos nas duas salas que tinham agora as portas permanentemente cerradas, travadas por armários pesados que mal sustinham a força das rajadas. Os criados diziam, à socapa, que os antepassados da casa tinham preferido destruí-la, a permitir que os estranhos da cidade a ocupassem, desconhecidos sem nobreza ou título. Esperavam secretamente ver ruir o resto da mansão, sala a sala, sobre as cabeças dos novos senhores, sobre as meninas inocentes, sobre si próprios.

Na mata, vários pinheiros tinham cedido sob a força das rajadas, outros cederiam antes que estivesse terminado. Até o

castanheiro grande, tão velho e descarnado que lembrava as garras levantadas da morte, tombara sobre as pedras do adro, junto à capela, com o estrondo e a pompa que competia a uma árvore milenar. Continuava lá, o seu cadáver arbóreo a lembrar quão arriscado era sair. Nesse verão, tudo era perigo.

Joana aproximou-se da janela, desalentada. Tanto calor! Temiam o atear de algum incêndio. Transformar-se-ia rapidamente num inferno incontrolável, queimando a mata seca e os jardins e, decerto, a casa com os seus ocupantes. Seria uma triste *revanche* desse lugar que não era deles, se os enterrasse ali, entre pedras e cinza.

Pior era, todavia, a febre, o outro incêndio que ameaçava saltar a qualquer momento os limites da cidade e espalhar-se pelo país. Ali ainda estava segura, mas temia pelos que, como a querida prima Ester e os seus pequeninos, tinham ficado na cidade. Maldito do marido, que não os deixava sair de Lisboa! Velho como o mundo mas mais rijo que pedra! Parecia sobreviver a tudo, provavelmente ia viver até aos duzentos anos e enterrá-los a todos. Tinha gota, sofria das costas, do estômago e até dos dentes. Acometiam-lhe achaques permanentes, mas, pobre Ester, não havia maneira de isso o dobrar.

Ou de o enviar de vez para o inferno, que é onde ele pertence!

Benzeu-se. Não devia ter estes pensamentos. Mas o Velho era horrível... e dar-lhe esse epíteto era dos poucos prazeres a que Ester podia permitir-se. Mesmo assim só entre elas, na sua intimidade de irmãs.

Oh, Ester, pensou, encostando lentamente a testa ao vidro morno, os olhos cansados perdidos na distância. Deves morrer de medo na cidade. Como se te não bastasse... Pobre prima do meu coração.

Ali, estavam sempre atentos, em sobressalto, tentando perceber se era calor que tinham, ou se a languidez revelava algum estado febril e o princípio de uma lenta morte, mas em Lisboa, de onde Ester não podia escapar, devia temer-se a sério. Por essa altura, com a febre a crescer de dia para dia, talvez fosse o lugar mais perigoso da península.

O que sei eu doutros lugares?, suspirou.

Estava grata, apesar de tudo, pela segurança desta casa horrível, mas sentia falta da luminosidade do meio-dia na cidade, desenhando os edifícios, escorrendo como raios de ouro vivo da muralha do Castelo que espreitava o rio do alto da colina, espalhando-se pelos telhados vermelhos até à Baixa, esticando dedos no Terreiro do Paço e mergulhando-os nas águas do Tejo, no porto aberto aos barcos que continuariam a ir e a vir, a ir e a vir, com doença ou sem ela. Estava a horas de distância de Lisboa, mas não havia distância para a memória... a não ser a do tempo. Essa talvez lhe trouxesse o esquecimento das coisas que amava. Esperava que sim. Ou que não, sabia lá. Tinha saudades da sua grande casa, com janelas do tamanho de dois homens, dos jardins frondosos de onde se via o rio, rolando para o mar na baía selvagem da vilória de Cascais, uma joia nos dias de sol, chumbo pesado sob as nuvens do inverno. Tinha saudades do seu quarto, forrado a papel florido e tecidos de cores suaves, vindos de França por insistência da mãe. Do seu piano, da biblioteca cheia de livros que só ela lia.

Limpou uma gota de suor que se formava sobre o lábio superior e sentou-se frente ao seu caderninho. Folheou-o, observando com indolência os arabescos escuros da sua escrita regular. Estava demasiado calor para escrever, mas não tinha outra forma de arrancar do peito o que sentia. Punha em palavras escritas o que jamais poderia dizer.

Quem te ouviria, rapariga, a Rosário? A Mariana?

Ester. Ester ouvia-a. Não nestas confissões, que eram só suas, mas nas cartas que trocavam amiúde. Regulou a chama do candeeiro e aproximou-o do caderno. Não queria acordar a irmã, pequena de mais para as suas dúvidas e medos. Bem lhe bastava o terror da tempestade. Molhou a pena no tinteiro e, por um instante, ficou a olhar para a página em branco. Depois, debruçou-se sobre ela e a pena deslizou suavemente sobre a folha.

Recebi ontem uma carta de minha prima Ester. Por muito que me escreva, nunca é o suficiente. Anseio por saber dela, dos pequenos, da cidade. Ester diz que em Lisboa continua a

arder-se de calor e mais ainda de febre. Não fui capaz de responder-lhe. Percebi, nas suas palavras, que tem medo pelos pequeninos. Também eu. Gostaria que viesse para perto de nós, ou para casa dos pais, para Santarém, que os salvasse daquele perigo. Mas parece que o Velho prefere vê-los mortos, do que deixar Ester em paz por um segundo. Pobre Ester! Tem tanto medo dele, que nem pelos pequenos se atreve a desobedecer. De nada serviria implorar, é o que me diz, ou ajoelhar-me-ia, para pedir ao desgraçado que deixasse vir a minha querida prima. Ou pelo menos os meninos. É um diabo, um maldito. Querer que os filhos fiquem, tão pequenos e indefesos! Deixá-los morrer assim? Já se foi tanta gente! Não tarda, estão a enterrar as pessoas nos jardins, ou a deitá-las ao rio. Fico com a alma pequena de pensar no Tejo conspurcado pela morte. O meu Tejo azul-cinzento. Tenho tantas saudades de sair para o varandim do meu quarto numa manhã de julho, aspirar o perfume das flores no jardim, admirar o descair dos telhados sobre o rio cintilante. Lisboa no verão. A mim, pesa-me nunca mais descer a avenida de charrete, até ao Terreiro do Paço, para ver os barcos... quando deixaram de fazer-se esses passeios... em abril? Antes?

Ontem tentei falar nisto à ceia, apetecia-me lembrar, e meu pai ficou fora de si. Nem quer ouvir falar, diz que não é conversa para uma mesa de família. De qualquer modo, pedi-lhe que me deixasse acompanhá-lo à cidade, para visitar minha prima. Céus, parecia que tinha cometido uma ofensa, quase me batia! Que eu estava louca. Que nunca se sabia onde se podia apanhar uma febre, por lá. Foi o que me disse, aos berros. Não insisti porque me pareceu à beira de um ataque e porque, infelizmente, desta vez tenho de dar-lhe razão, a doença está na casa dos pobres e na casa dos ricos. Creio que nem sequer gosta de pensar na cidade, talvez porque lá vá todas as semanas. Ainda no outro dia o ouvi dizer a minha mãe que o fedor é insuportável e, em certas zonas, já não têm onde enterrar os mortos... Oh, sim, imagino as ruas estreitas, na Mouraria ou no Bairro Alto, o cheiro nauseabundo,

principalmente agora. Este verão, o cheiro a gente é decerto cheiro a morte. Hei de perguntar a Ester. Ou talvez não, como há de ela saber? Duvido que o Velho a deixe passear pela cidade. Era tão difícil persuadi-lo, mesmo quando era seguro. E Lisboa... esta de que me lembro certamente debandou, como nós, para todo o lado.

E há outras coisas que Ester me contou na sua última carta que... Deus, não consigo pôr em palavras a raiva e o medo. Disse-me Ester que meu pai se encontrou há semanas com «ele», em sua casa. Na casa do Velho. O que ganhará o maldito tirano com isto? Devem ter acertado o meu valor, será que lhe cabe alguma parte? Ou será que gosta de ver-me presa nas mesmas grilhetas que minha prima arrasta? Meu pai nada me comunicou ainda, e eu não tenho ensejo de perguntar-lhe. Mas não há de tardar o meu dia. Quando abrandar a tempestade, o homem há de cá vir buscar-me.

Quem me dera que Ester aqui estivesse, ela pelo menos deve compreender como me sinto. Não me esconde que é infeliz, tantas vezes a encontrei a chorar. Sei que o Velho a ofende e lhe bate muitas vezes. Será o que me espera? Um homem para me bater? Para me trancar em casa e me fazer filhos, como o da Ester? Que sorte a minha! A nossa, minha, de Ester, de Hildegarda, Maria, Carminho... a de Mariana, um dia.

Descobri hoje, porém, que não é sempre assim. Com o vento, não se pode sair, por isso passei o dia nas cozinhas com a Rosária e a Guiomar, a ouvi-las conversar. A filha da Guiomar vai casar-se no fim deste verão. Riram-se de mim, quando lhes perguntei quando iria conhecer o noivo, e foi assim que percebi que esta coisa só sucede às meninas como eu. Como é que eu não sabia isso? Nunca pensei invejar a filha da cozinheira, que jamais passou de charrete, nem aprendeu piano e tem as mãos grossas de trabalhar no campo. Mas a verdade é que desejei poder trocar de lugar com ela e escolher o meu noivo. Ou escolher não ter noivo nenhum. Detesto saber que tudo o que recebi nesta vida, o piano e o inglês e as

letras, só servem – meu Deus! – para aumentar o meu valor e conquistar a mais alta posição possível. Mais alta do que Ester, se puder ser. Sinto repulsa de mim própria, sem ter culpa nenhuma. Ou terei?

Oxalá o vento continue por muitos e muitos dias. Uiva nas paredes, nas lareiras, para mim é uma alegria. Não sei o que pensam os criados. Ainda esta manhã vi a Madalena a correr pelo corredor, pálida e a benzer-se, quase tropeçou nas saias, a desgraçada. A ventania está a dar cabo desta casa velha, já fez saltar o telhado na antiga sala de bordados. Ainda bem, assim pelo menos a senhora minha mãe não me arrasta para lá. Achará que bordar com perfeição agradará ao meu futuro marido? Enfim... ao menos a tempestade traz alguma diversão a este casarão horrendo. E, enquanto ventar, estou segura. Creio.

Pousou a pena. Não era capaz de continuar. Doía-lhe o peito, por tantas razões que não saberia enumerá-las. Desenhou formas impacientes na folha branca, riscou, desenhou outras. Cansou-se. Estava tanto calor! Tinha a camisa colada ao corpo, o cabelo pesado. Recostou-se no espaldar acetinado da cadeira e cerrou os olhos. As noites pareciam-lhe sempre tão longas. Que horas seriam? Estava exausta, essa é que era a verdade, mas o som do vento agitava-lhe o estômago, não conseguia dormir. Ou talvez fosse o negrume das ideias que lhe inundavam o espírito de cada vez que pousava a cabeça na almofada, a incerteza, a raiva, que a deixavam assim, incapaz de conciliar o sono.

Levantou-se e parou a olhar para a irmã, dormindo tranquilamente, os cabelos escuros espalhados na almofada. Era a terceira noite seguida que Mariana fugia para a sua cama, protestando, entre lágrimas, que o vento a assustava e não conseguia adormecer. Um instante bastara, porém, para cair num sono profundo. Como a invejava, por conseguir dormir assim, imperturbável, sem perceber que estava tudo errado, sem temer o futuro. Duvidava que Mariana compreendesse inteiramente porque tinham deixado a sua casa, ou porque se mudara a família para o campo, como se

fosse lá ficar para sempre, com toda a bagagem, criadagem e até alguns móveis que a mãe não quisera dispensar. Talvez achasse que fugiam do calor, sem saber nada de febres, mortes, sem saber, também, que a irmã se ia embora quando o vento caísse. Mariana dormia um sono inocente de menina. Mas Joana já não era uma menina. Há muito que esperava o que estava prestes a acontecer... mas agora tinha a realidade à porta. Dentro de casa.

De certa forma, fora afortunada, pudera estender muito tempo a sua meninice. Já tinha quase vinte anos. A prima Ester tinha apenas dezasseis no dia do seu casamento. Recordar-se-ia sempre da figura clara de sua mãe, muito direita, muito inglesa, os lábios apertados, talvez retendo lá dentro algum lamento impróprio. Lembrava-se bem do que sentira então, o seu coração de menina... quantos anos teria na altura, onze? Dez, como Mariana? A incompreensão, a fúria impotente perante as lágrimas de Ester. Desejara rojar-se aos pés do tio, pedir-lhe que deixasse Ester viver com eles, se já não a queria. Ah! O que sabia ela, nessa altura, de «obrigações»? Ainda agora mal as entendia... Não, não era verdade. Há anos que sabia. O que ela tinha era dificuldade em aceitar. Durante muito tempo, tinham sido como labaredas na sua alma. As ventanias abrasadoras que ameaçavam secar os pés da vinha e amolecer os pêssegos ainda na árvore, empalideciam perante esse fogo interior. Oh, com o tempo aprendera a dominá-lo, a aplacá-lo, a esquecer-lo. Ou talvez a escondê-lo. De que lhe servia queimar como se o vento empurrasse as chamas? O vento... o vento era livre, podia soprar, fugir. Já ela não tinha como escapar e era obrigada a render-se.

Como se não existisse.

O seu corpo era uma propriedade, como as casas da família, os móveis, as carruagens, o ouro e café do Brasil que o avô e o pai tinham negociado. Tinha sido educada para saber comportar-se e conversar socialmente e dançar, mas acima de tudo para obedecer. Essa vida obediente e pacata tinha sido boa durante muito tempo, entre livros e passeios, lições de francês e aulas de piano, e as visitas da costureira que lhe fazia os vestidos. Mas depois de compreender para que servia tudo aquilo... Ah, que importava que depois

disso o seu modo dócil e o hábito que tinha de não questionar fossem a forma de sufocar o fogo que estava lá dentro e exigia mais? Sabia que tinha de tomar as coisas pelo que eram, de nada servia rebelar-se.

Este é o meu futuro, é irremediável.

Saber e aceitar, infelizmente, eram coisas diferentes. Voltaria as costas à sua vida, se pudesse.

Preferia ficar na cidade e sujeitar-me às febres!

Sacudiu a cabeça e ralhou consigo própria.

Não sejas parva. Não poderias escapar a um negócio que está feito há muito tempo, a não ser que estivesse morta, e isso, querida, tu ainda não queres.

Não? Sabia lá. Deixou-se cair sobre a cama, limpando a transpiração na nuca. A camisa colava-se desagradavelmente às costas, à barriga. Não adiantava que a ama lhe preparasse dois banhos por dia, nem que se mantivesse quase sempre dentro de casa. O vento entrava pelas frestas, trazendo o inferno para dentro de paredes, e o calor prometia consumi-la por dentro como por fora. E agora que estava tão perto o seu destino, era mais difícil. Muito mais difícil.

Suspirou, observando com desânimo o cinzento da madrugada a substituir lentamente as sombras noturnas do grande casarão escuro, semioculto no pinhal, que era agora a sua casa. Já fora a nova casa de campo. Oh, com que orgulho se referiam a ela, a *Casa de Campo*. Como se fosse, em si própria, uma entidade. Joana detestava-a. Por muito que a mãe se tivesse ocupado a enchê-la de bordados e folhos franceses, por muito que mandasse abrir as janelas e arejar as salas, nada remediava a forma maciça e a pedra escura. Era um monstro plantado no meio de um paraíso de flores coloridas, madressilvas e roseiras e amores-perfeitos que a mãe escolhera para os jardins.

Uma rajada uivante e melancólica sacudiu mais uma vez a janela. Não importava. Era um último momento para respirar e ganhar coragem, antes de o chão lhe ser retirado de debaixo dos pés.

Quem me dera que este vento continuasse a soprar, pensou.

Sim, indefinidamente, impedindo a chegada *dele* e as despedidas que haviam de seguir-se. Durante meses desejara que o homem nunca viesse. Algures pelo meio, contemplara repetidamente planos insanos, uma fuga romântica a meio da noite ou, vezes de mais, a morte às suas próprias mãos. Depressa concluiria que apenas trocava um inferno por outro. Ser um inferno da sua escolha não o tornaria mais suave. Ultimamente limitava-se a desejar o impossível: que o tempo esticasse. Que o homem morresse e toda a malfadada família e o maldito título com ele...

Oh, Deus me perdoe!

Respirou fundo. O negócio estava feito. Concluído. Nessa noite em que a ventania soprara com um pouco menos de sanha e o nascer do sol espalhava finalmente uma luz dourada sobre os móveis, ainda pálida, anunciando o fim do vendaval lá fora, começava a tempestade na sua vida. E começava a pesar-lhe a espera, a custar-lhe ter de abafar a todas as horas as brasas lentas da ira. Sentia a languidez nos membros. Círculos escuros marcavam-lhe os olhos. O medo insinuava-se nos espaços cansados da sua mente. Sim, estava exausta, no corpo e na alma, de lutar consigo mesma. Dormia mal, não tinha apetite, ânimo ou paciência. Não queria conversar. Doía-lhe a cabeça. Doía-lhe o corpo com a tensão da espera. Levantou o queixo num gesto de inócuo desafio. Não havia ninguém ali para reprová-lo, mas soube-lhe bem. Sentiu-se mais forte.

De que adianta adiar? Que venha.

Há tanto tempo que dera início à tarefa de escorar a alma contra o que viria em breve, o rio revoltado da sua alma não tinha nenhuma hipótese contra a força da sua vontade. Nenhuma. A sua alma estava tão pronta quanto alguma vez estaria.